

CUIAS DE SANTARÉM

tradição, mercado e mudança em comunidades artesanais da Amazônia

Luciana Carvalho

O trabalho pretende apontar algumas questões pertinentes às relações entre mercado, tradição e mudança em contextos de produção artesanal tradicional na Amazônia. Seu ponto de partida é o relato da trajetória de um grupo de mulheres produtoras de cuias em cinco comunidades da várzea no Município de Santarém, que, tendo sido envolvidas em uma série de projetos de intervenção e apoio ao artesanato, desenvolveram relações algo especiais com diferentes esferas do fomento à cultura neste país.

Palavras-chave: ARTESANATO, CUIA, PATRIMÔNIO IMATERIAL, SANTARÉM, PARÁ.

CARVALHO, Luciana. Cuias de Santarém: tradição, mercado e mudança em comunidades artesanais da Amazônia. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 69-78, 2007.

Este texto abordará a experiência de mobilização e articulação de mulheres artesãs e ribeirinhas, produtoras de cuias no Município de Santarém, no oeste do Estado do Pará. O artesanato de cuias feitas do fruto de uma árvore conhecida como cuieira (*Crescentia cujete*), tingidas com pigmentos naturais e decoradas com motivos gráficos, é bastante tradicional na região, tendo-se dele referências que remontam ao século 17.

As mulheres em questão reuniram-se recentemente em torno de seu ofício para buscar, em diferentes esferas, o reconhecimento público do valor econômico e patrimonial dos saberes e fazeres de que são detentoras. Será comentada a trajetória do grupo, especialmente em suas relações com circuitos consumidores de artesanato e instituições de cultura e patrimônio no Brasil, a fim de que possamos, a partir deste relato em particular, vislumbrar questões abrangentes sobre as relações entre artesanato tradicional, mercado e mudança.

Embora realizado ao fim de uma série de projetos que vêm sendo desenvolvidos desde 2002 na região em foco – portanto, encontrando-se em estágio relativamente maduro no que se refere à percepção e à descrição das experiências –, o exercício que se segue pretende inaugurar uma nova fase de trabalho visando à produção de conhecimentos sobre os processos de produção e comercialização de artesanato de caráter tradicional neste país. Nesse sentido, vai longe deste texto a pretensão de refletir a contento sobre as questões que porventura suscite para o leitor. Seu objetivo é,

antes de tudo, formular problemas que possam estimular reflexões mais densas logo adiante.

Um artesanato tradicional

A perspectiva de tradição com que lidamos ao definir a confecção de cuias em Santarém como artesanato tradicional na região baseia-se, principalmente, na continuidade histórica que esse fazer apresenta e na alta significação que seus produtos assumem nos processos de identificação da população local, que os reconhece como suas origens e raízes. Talvez baste, em defesa desse argumento, mencionar o fato de que a cuia é o recipiente exclusivo de um dos principais pratos da culinária paraense: o tacacá. Ou pode-se ainda enumerar uma série de usos a que esse objeto serve, quase sempre como recipiente: na cozinha, para o preparo e consumo de alimentos sólidos e líquidos; na navegação, para tirar água das canoas; nos cuidados pessoais, desde o banho até a aplicação de medicamentos; no vestuário, em forma de bolsas e até como adornos de roupas.

Na produção e na comercialização das cuias, não é de hoje que Santarém ocupa posição destacada em todo o Estado do Pará. Desde pelo menos final do século 17 seu artesanato de cuias é conhecido dentro e fora do Brasil, segundo registros de missionários e viajantes que percorreram o Baixo Amazonas coletando informações e objetos. Dentre os cronistas da região foi Alexandre Rodrigues Ferreira que melhor o descreveu.

Em sua *Memória sobre as cuias que fazem as índias de Monte Alegre e Santarém*, de 1786, Ferreira relatou a técnica empregada na fabricação dos utensílios de cuias e anotou os tipos de ferramentas utilizadas no trabalho artesanal praticado pelas índias: pincéis “de pluma de Siracura, de Jacamy e do Acará branco” e lâminas como “stylletes pontegudos, para pontear o ornato de renda”, normalmente em formato de anagramas, frutas, medalhões, estrelas, bandeiras, brasões, molduras, paisagens e motivos florais de estilo rococó (Ferreira, 1786). É interessante atentar para o fato de que esses padrões tão bem observados e descritos pelo naturalista provavelmente foram incorporados ao artesanato de cuias a partir do contato dos indígenas com colonizadores europeus, nas vilas e missões amazônicas.

Impressionado com a arte das índias que produziam de cinco a seis mil cuias por ano, segundo suas estimativas, Ferreira levou para Portugal muitos de seus exemplares, os quais foram depositados no Museu da Universidade de Coimbra e na Academia de Ciências de Lisboa. Sobre a comercialização dos objetos, acrescentou:

Vende-se cada [cua] na vila a 100 e 200 reis (...). Em Mato Grosso, uma boa cua vale uma oitava de ouro. Os brancos, que sabem disso, as compram às índias para negociarem com elas. As índias, que sabem que os brancos as compram, tratam de as trabalhar e aperfeiçoar (...) Trabalham já ensinadas pelos

europeus no tocante às cores, ao gosto e à riqueza da pintura, ora dourada, ora prateada (Ferreira, apud Porro, 1995:149).

Confirmando a boa aceitação do produto no Brasil, Artur Ferreira Reis, num estudo sobre a exportação da Amazônia em 1822, registrava a venda de 212 dúzias de cuias de Belém para São Luís do Maranhão (Porro, *op. cit.*). Mais recentemente, no *Dicionário do Folclore Brasileiro* (2000), Câmara Cascudo referiu-se em dois verbetes às “tradicionais cuias de Santarém”:

[cua] é a vasilha feita com o fruto da *Crescentia cujete*, partido ao meio. Cada banda tem o nome de cua. É usada como prato e copo no sertão velho. São famosas as cuias negras, ornamentadas artisticamente, vendidas em Santarém, no Pará.

De fato, verifica-se atualmente que naquele município a produção de cuias alcança altos patamares, tanto no que se refere à qualidade quanto à quantidade do produto. Práticas artesanais seculares têm sido continuamente apropriadas e repassadas por extensos grupos de mulheres ribeirinhas, descendentes de indígenas e de outros povos que ocuparam as várzeas do baixo curso do rio Amazonas. Através de muitas gerações, essas mulheres têm sido as principais responsáveis pelo desenvolvimento e pela preservação dos saberes e fazeres associados ao artesanato de cuias em Santarém.

As artesãs em seu contexto

O Município de Santarém situa-se na Região Oeste do Pará, na margem direita do rio Tapajós, na confluência deste com o Amazonas. Ocupa uma área de 24.154 km², fazendo fronteira ao norte com Óbidos, Alenquer e Monte Alegre, ao sul com Aveiro, Rurópolis e Placas, a leste com Prainha e Uruará, e a oeste com Juruti.

Na produção de cuias destacam-se comunidades das várzeas (terras que alagam durante as cheias de inverno) do rio Amazonas, mais especificamente aquelas localizadas na região do Aritapera, dentre as quais enfoco aqui Centro do Aritapera, Carapanatuba, Enseada do Aritapera, Surubim-Açu e Cabeça d' Onça, onde foram realizados projetos de intervenção voltados para o apoio à produção e comercialização do artesanato em foco, que serão comentados adiante. Essas comunidades distam em média quatro horas de viagem de barco até a sede municipal, mas o tempo de deslocamento pode se estender até mais de seis horas, dependendo das condições do rio, se cheio ou vazante, de acordo com o período do ano (inverno ou verão). São distantes entre si até mais de duas horas (o tempo de deslocamento aumenta no período da seca, quando a navegação é impedida em alguns pontos). Juntas, somam em torno de 1.800 habitantes, que estão distribuídos em cerca de 350 famílias dedicadas a atividades como a pesca, a lavoura, a criação de gado e de pequenos animais, o extrativismo e o artesanato de cuias –

que, em certas épocas do ano, pode chegar a ter participação de até 50% na composição da renda familiar.

Trata-se de um trabalho realizado quase exclusivamente por mulheres que aprendem e repassam o ofício no próprio núcleo familiar. Nas comunidades estudadas, é comum encontrar em cada casa pelo menos uma artesã de cuias. São mulheres de todas as faixas etárias, que, em geral, exercem outras atividades econômicas além do artesanato de cuias, tais como a pesca, a lavoura e até outros tipos de produção artesanal, com barro e reciclados, por exemplo. Há também algumas estudantes, especialmente entre as mais novas.

O trabalho com as cuias e o gerenciamento da produção não ocorrem necessariamente de modo organizado em grupos. Com mais frequência as diversas etapas do processo artesanal são executadas individualmente, ou com a ajuda de outra mulher da família ou de círculo bem próximo de relações, no próprio espaço da casa. Neste último caso, dividem-se as tarefas conforme as habilidades manuais e as aptidões físicas de cada uma, observando-se que certas atividades requerem esforços que algumas mulheres mais velhas já não podem suportar.

As mulheres cujas trajetórias abordamos aqui constituem um grupo especial, atípico no contexto estudado. Somando um total 33 moradoras das comunidades Centro do Aritapera, Carapanatuba, Enseada do Aritapera, Surubim-Açu e Cabeça d' Onça, estão, desde maio de 2003, reunidas na Associação das

Artesãs Ribeirinhas de Santarém – Asarisan e têm participado de uma série de projetos de intervenção em suas comunidades que visam ao apoio da produção, gestão e comercialização do artesanato de cuias.

As mudanças

A primeira iniciativa de apoio ao artesanato tradicional de cuias na região foi o Projeto Cuias de Santarém, realizado no período de 2002 a 2003 pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – CNFCP, em parceria com o Programa Artesanato Solidário e o Sebrae Pará, com patrocínio da Petrobras Distribuidora. Esse projeto integrou o Programa de Apoio a Comunidades Artesanais – PACA e investiu em melhorias nos processos de produção e comercialização das cuias como fonte de renda para as famílias ribeirinhas. Durante sua execução, as artesãs participaram de diversos cursos, oficinas e reuniões de trabalho, aperfeiçoaram técnicas seculares de tingimento e decoração das cuias, formaram núcleos de produção, participaram de feiras, exposições e seminários pelo Brasil afora, aumentaram o preço médio de seu artesanato.

Uma das contribuições mais eficazes oferecidas pelo projeto ao grupo de artesãs foi um extenso trabalho de levantamento e reprodução de padrões iconográficos de ornamentação, realizado em algumas das mais importantes coleções de cuias provenientes do Baixo Amazonas, hoje depositadas em diferentes instituições museológicas do Brasil. A pos-

terior difusão desse material entre as artesãs, em forma de apostilas e outras publicações, favoreceu sobremaneira a retomada e a transmissão da prática do desenho em cuias, que muitas artesãs haviam abandonado antes do início do projeto em função dos baixos preços recebidos pelo produto no mercado local. Assim, no bojo das mudanças fomentadas pelo projeto Cuias de Santarém, resalta-se a renovação e a ampliação do repertório iconográfico desse artesanato. As artesãs do Aritapera não só voltaram a ornamentar cuias com padrões já conhecidos da prática ou de memória, como também começaram a criar e experimentar novos padrões, inspirados em outras referências culturais, como grafismos da cerâmica tapajônica e a representação de elementos da fauna local.

A partir do conjunto de novas experiências, e vendo-se mais fortes como grupo organizado, conceberam a Associação das Artesãs Ribeirinhas de Santarém – Asarisan – com o principal objetivo de consolidar e expandir as conquistas até então obtidas. Para formalização da associação, contaram com recursos financeiros do Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social e com apoio de pesquisadores e colaboradores do CNFCP e do Sebrae local.

Integradas, produzindo mais e melhor, e, sobretudo, começando a obter maiores ganhos com as vendas de cuias – o preço médio das peças aumentou em pelo menos 12 vezes –, as sócias da Asarisan passaram a se mobilizar desde então para garantir a sustentabilidade de

sua atividade em harmonia com o ecossistema e os modos de vida tradicionais da várzea. Esse objetivo, contudo, é ameaçado por uma série de carências que só uma intervenção mais profunda nas estruturas materiais e organizativas do trabalho artesanal pode alterar.

Entre agosto de 2004 e julho de 2005 a associação realizou, com recursos captados junto à Brazil Foundation e com apoio dos antigos parceiros, o Projeto Artesanato Ribeirinho de Santarém. Nele destacam-se as seguintes ações: oficinas de repasse de técnicas artesanais para mulheres e jovens da região do Aritapera; cursos de gestão e formação de preços; estudos para elaboração de um plano de manejo da cuieira, em parceria com o Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia – Ipam; aquisição de equipamentos como computador, impressora e rabeta (canoa com motor de popa), visando a facilitar o gerenciamento da produção e da comercialização de cuias. No momento, visando a minimizar as dificuldades de comunicação como mercado e a precariedade das instalações de trabalho nas comunidades, a Asarisan está desenvolvendo um projeto de implantação de uma sede no Centro do Aritapera, que irá funcionar como Ponto de Cultura integrante do Programa Cultura Viva, do Ministério da Cultura.

A fim de garantir a adesão de grupos sociais mais amplos a esse Ponto de Cultura, a entidade tem se articulado a organizações governamentais e não-governamentais na proposição e busca de alternativas econômicas que, aliadas ao artesanato, concorram para o desenvol-

vimento sustentável da região. Entre as possibilidades vislumbradas pela Asarisan em suas parcerias, está a inclusão das comunidades do Aritapera em roteiros de visitação turística, como forma de geração de trabalho e renda que seja capaz não só de incentivar o artesanato das mulheres, mas também de absorver os homens e jovens em atividades produtivas. Nesse sentido, a sede deverá se tornar um espaço onde os visitantes possam entrar em contato com as técnicas e os contextos do artesanato das cuias.

Outra frente de trabalho da associação consiste na implementação de um plano de manejo sustentável dos recursos naturais da várzea, em especial da cuieira. Em parceria com o Ipam, foram criados quintais experimentais em cada comunidade e oferecidas oficinas de plantio e enxertia para artesãos e moradores em geral. Em paralelo, estão sendo realizados encontros de sensibilização e capacitação de professores, estudantes e comunitários a fim de prepará-los para a gestão e a preservação de seu patrimônio ambiental.

Merecem nota também as ações que a entidade vem desenvolvendo no sentido de promover o conhecimento e a valorização de elementos constitutivos do patrimônio cultural da região em que atua. Acaba de ser concluída por jovens participantes do Ponto de Cultura uma coletânea de narrativas e memórias da região. Acompanhada de documentos visuais também por eles produzidos, essa coletânea dará origem a uma publicação destinada ao público escolar do

Município de Santarém e a leitores em geral.

Por fim, cabe enfatizar que a Asarisan está procedendo ao pedido de registro do artesanato de cuias como patrimônio imaterial do Brasil, com sua inclusão no Livro dos Ofícios e Modos de Fazer do Iphan. A associação espera, a partir desse registro, que não só seu artesanato, mas também suas ações no sentido da salvaguarda dos conhecimentos tradicionais que aí estão em jogo, possam ser reconhecidas e apoiadas pela sociedade mais abrangente.

O processo de patrimonialização

O Inventário do Artesanato de Cuias do Baixo Amazonas (Pará) foi concebido como um desdobramento do Projeto Cuias de Santarém e teve origem no levantamento de padrões iconográficos tradicionais de cuias provenientes daquela região, realizado em diferentes instituições museológicas com o objetivo de subsidiar ações de recuperação e repasse de saberes associados à prática de ornamentação desses objetos junto às comunidades artesanais então apoiadas.

Em 2003, esse levantamento começou a ser adaptado à metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC, e a ele foram acrescentadas outras informações produzidas por meio de pesquisa histórica, bibliográfica, documental e etnográfica, e de atividades de documentação sonora e visual. Desde então, o CNFCP, no escopo do Projeto Celebrações e Saberes da Cultura Po-

pular, estendeu as ações de inventário dos padrões ornamentais para o conjunto de saberes e técnicas envolvidos no ofício de pintar cuias. Nessa perspectiva, o trabalho de referenciamento do ofício foi estendido para localidades de Monte Alegre, município vizinho de Santarém, por ser o mesmo representado como o lugar de origem do artesanato de cuias, de tal modo que seus habitantes são chamados até hoje de ‘pinta-cuias’.

Efetivamente, comunidades artesanais desses dois municípios preservam memórias e modos de fazer específicos que o artesanato de cuias – registrado em toda a calha do rio Amazonas em diferentes formas e contextos – engendrou e assumiu ao longo de séculos no Oeste do Pará. Se Monte Alegre é considerado o berço desse artesanato, Santarém é atualmente o maior centro produtor de cuias da região.

Focado, portanto, nessa área geográfica e cultural específica, o Inventário do Artesanato de Cuias do Baixo Amazonas Paraense procurou reunir informações que se encontravam dispersas, devido tanto à escassez de estudos sobre o tema quanto ao fato de que os saberes e fazeres em questão são transmitidos quase que exclusivamente na tradição oral das comunidades artesanais. Assim, o trabalho buscou sistematizar dados, documentos, memórias, imagens e narrativas que venham a esclarecer diversos aspectos do desenvolvimento histórico e dos contextos etnográficos contemporâneos do artesanato de cuias pintadas e decoradas – um dos principais

signos da cultura e da identidade do povo paraense.

Característica marcante do inventário ora abordado é o fato de que ele se construiu, desde o princípio, como mais um instrumento entre outros passíveis de serem acionados pelos grupos pesquisados na busca de visibilidade, reconhecimento e apoio, por parte dos poderes públicos, para suas demandas de caráter social e cultural, bem como para a própria atividade produtiva inventariada. Logo, as ações de investigação científica – mais lentas e reflexivas por natureza – dialogaram, interagiram e conflitaram permanentemente com outras ações que, voltadas prioritariamente para a salvaguarda do ofício em foco, sempre impuseram, ao longo do percurso, atitudes mais imediatas e comprometidas com processos de intervenção social. Nesse contexto, vale ressaltar a mobilização dos grupos envolvidos no inventário no sentido da obtenção do registro do artesanato de cuias como patrimônio cultural do Brasil. Para as artesãs de Santarém, principalmente, o registro de seu ofício representa um passo importante para a inclusão social das comunidades a que pertencem.

Desafios

Ao longo da segunda metade do século 20, fatores como o isolamento das comunidades da várzea, o baixo preço dos objetos artesanais nos mercados locais e a crescente e desigual concorrência diante de utensílios industriais se somaram para desestimular a confecção

de cuias pintadas e ornamentadas no Baixo Amazonas. Os trabalhos realizados em Santarém mostraram que não apenas a importância econômica desse artesanato decaiu, como ainda se associou ao que as comunidades locais percebem como uma progressiva desvalorização cultural e simbólica do produto cuia.

Para essas comunidades, a omissão das instituições culturais no sentido da divulgação e do fomento à produção de cuias contribuiu para que, nas últimas décadas, inúmeros artesãos abandonassem de vez esse ofício, passando a se dedicar a outros tipos de trabalhos. Lembremos que no início do Projeto Cuias de Santarém, em 2002, constatou-se que a maioria das artesãs dessa localidade – especialmente as moradoras de comunidades ribeirinhas – vendia cuias sem ornamentação para intermediários que as repassavam a lojistas e a artesãos da cidade. Esses últimos pintavam-nas com tintas industrializadas para revendê-las por quantias pelo menos doze vezes superiores às que se pagavam a suas produtoras primeiras.

Recebendo cerca de R\$ 3,00 por dúzia de cuias lisas, e não mais que R\$ 3,50 por dúzia de cuias decoradas, poucas eram as artesãs tradicionais que ainda se dedicavam a produzir incisões ornamentais nas peças. Nesse contexto, um rico repertório iconográfico ia se dispersando na memória das mais velhas, ao passo que as mais novas procuravam evitar tanto o aprendizado do ofício de pintar cuias quanto o próprio uso desses objetos em sua vida cotidiana. Tomadas

por uma espécie de vergonha, muitas famílias ribeirinhas preferiam utilizar, sempre que possível e sobretudo empúblico, utensílios de plástico, vidro ou alumínio.

Assim, no bojo das ações simultâneas de inventário e salvaguarda do artesanato tradicional de cuias em Santarém – centradas nas comunidades do Aritapera –, o CNFCP entendeu que, além de ações de recuperação de padrões iconográficos e de sensibilização de artesãos e comunitários para o valor cultural do produto, a continuidade de tal ofício dependia da formação de um mercado mais qualificado e justo. Diversas iniciativas foram tomadas nessa direção, como a promoção de feiras, exposições e rodadas de negócios que produziram resultados positivos como o aumento do volume de vendas e do preço médio da cuia.

No entanto, o maior desafio enfrentado pelas artesãs de Santarém consiste ainda na dificuldade de acesso e atendimento ao mercado. Isoladas da cidade e dos serviços essenciais de comunicação, elas dependem permanentemente de agentes que intermedeiam a recepção de encomendas e a resposta aos consumidores do artesanato que elas produzem. Insuficientes também são as instalações existentes para o trabalho artesanal nas comunidades ribeirinhas. Em geral trabalha-se em oficinas improvisadas debaixo de árvores ou em casas de farinha, e não há espaços adequados para guarda e conservação de matérias-primas e peças prontas, o que impossibilita a formação de estoques para pronto

atendimento a clientes. Assim, visando a minimizar esses dois problemas estruturais – dificuldade de comunicação com o mercado consumidor e precariedade das condições de trabalho – é que os próprios grupos artesanais articularam novas intervenções naquela localidade, no sentido de promover e preservar o ofício em questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASCUDO, L.C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.
- FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Memórias sobre as cuias que fazem as índias de Monte Alegre e de Santarém*, 1786.
- PORRO, A. *O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica*. Petrópolis: Vozes, 1996.

Luciana Carvalho é Doutora em Ciências Humanas e pesquisadora do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/Iphan.

